

# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa  
Suélen Keiko Hara Takahama  
(Organizadores)

3



# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa  
Suélen Keiko Hara Takahama  
(Organizadores)

3



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Edwaldo Costa  
Suélen Keiko Hara Takahama

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 3 / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara Takahama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0236-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.367222405>

1. Ciências humanas. I. Costa, Edwaldo (Organizador).  
II. Takahama, Suélen Keiko Hara (Organizadora). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Este eBook 3 hace una mirada a las Ciencias humanas, más específicamente a la política de diálogo y colaboración. El libro electrónico explora cuestiones epistemológicas y metodológicas sobre la investigación en Ciencias humanas a partir de las propuestas de convergencia y superposición de temas y metodologías que se advierten cada vez más en la literatura actual, tanto por parte de investigadores en el campo de la Educación como de las ciencias sociales y humanas.

La interdisciplinariedad es cada vez más necesaria. Es un requisito epistemológico, porque los objetos que queremos comprender no se restringen a los límites establecidos por las disciplinas. Es un requisito pragmático por excelencia, ya que la naturaleza de muchos problemas que queremos comprender requiere la colaboración de expertos de una amplia variedad de formaciones académicas.

Ésta obra consta de 17 artículos que tienen como objetivo comprender los contornos que las Ciencias Humanas y sus componentes establecen entre sí y con otros tejidos sociales. Es, por tanto, una necesaria actitud crítica frente al campo en toda su complejidad, para apuntar a sus reconfiguraciones, discusiones y los sentidos que los hechos educativos y otros producen en la contemporaneidad.








Los autores abordan pacientes pediátricos que presentan trastornos del neurodesarrollo identificado a través del protocolo Nasa TLX, propósito de la episteme y del paradigma, saber pedagógico en el docente, la computación inteligente en los contextos actuales, la formación del contador y administrador en el área de costos industriales, fortalecimiento del sector turístico del cantón Sucre, escritura de artículos, trauma de la conquista española, violación de mujeres transgénero, enlace entre la matemática y la física, técnica de rajueleado, negociaciones de paz entre las Farc y el estado de Colombia, bordado artesanato do Bairro de São Nicolás, Ixmiquilpan, HGO, Trastorno del Espectro Autista (TEA), emuladores para calculadoras y incidencia de los asentamientos informales en la quebrada Milchichig en la estructura urbana de Cuenca.

Uno de los objetivos de este tercer libro electrónico es seguir proponiendo análisis y reflexiones desde diferentes puntos de vista: científico, educativo, social. Como toda obra colectiva, ésta también necesita ser leída teniendo en cuenta la diversidad y riqueza específica de cada investigador.

Finalmente, se espera que la diversidad de miradas y diálogos que se presentan en este libro son un punto de encuentro para todas las personas, grupos, entidades e instituciones de diversa índole que desarrollan su labor profesional en el ámbito de la ciencias humanas.



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LA COMPUTACIÓN INTELIGENTE EN LOS CONTEXTOS ACTUALES Franyelit María Suárez-Carreño Luis Rosales-Romero  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224051">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224051</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A PROPÓSITO DE LA EPISTEME Y DEL PARADIGMA Mario Germán Gil Claros  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224052">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224052</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
EPISTEMOLOGÍA DEL SABER PEDAGÓGICO EN EL DOCENTE Yanet del Socorro Valverde Riascos Aylem del Carmen Yela Romo  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224053">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224053</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>31</b>
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO AMBIENTE ESCOLAR Suélen Keiko Hara Takahama Costa  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224054">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224054</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
PROMOVIENDO LA ESCRITURA DE ARTÍCULOS DESDE LOS PROYECTOS INTEGRADOS DE AULA (PIA) Diana Paola Tamayo Figueroa Camilo Alejandro Torres Peña John Carlos Guzmán Suarez  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224055">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224055</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
LA FORMACIÓN DEL CONTADOR Y ADMINISTRADOR EN EL ÁREA DE COSTOS INDUSTRIALES, BAJO EL ENFOQUE DE COMPETENCIAS Julia Aidé Castro Ortega  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224056">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224056</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
SIMULACIONES CON GEOGEBRA, UN ENLACE ENTRE LA MATEMÁTICA Y LA FÍSICA Washington Meneses  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224057">https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224057</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>69</b>
EMULADORES PARA CALCULADORAS: UNA ALTERNATIVA PARA EL SALÓN DE	

## CLASES

José Luis Hernández González  
Myrna Enedelia González Meneses  
Miguel Ángel Daza Merino  
Néstor Manuel Rezza Díaz  
Raúl Porroga Sánchez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224058>

## **CAPÍTULO 9..... 77**

### RESPUESTAS AL TRAUMA DE LA CONQUISTA ESPAÑOLA


Juan de Althaus Guarderas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3672224059>

## **CAPÍTULO 10..... 95**

### HISTORIA DE PAZ IMPERFECTA: NEGOCIACIONES DE PAZ ENTRE LAS FARC Y EL ESTADO DE COLOMBIA (1984-2012)

Argenis Rodríguez González


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240510>

## **CAPÍTULO 11 ..... 106**

### INCIDENCIA DE LOS ASENTAMIENTOS INFORMALES EN LA QUEBRADA MILCHICHIG EN LA ESTRUCTURA URBANA DE CUENCA

Patricia Mejía Montenegro

Ana Rodas Beltrán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240511>

## **CAPÍTULO 12..... 120**

### TÉCNICA DE RAJUELEADO APLICADA EN UN BIEN INMUEBLE EN TEHUILOYOCAN, PUEBLA

Mónica Gordiano Tlacuatl

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240512>

## **CAPÍTULO 13..... 133**


### BORDADOS ARTESANALES DEL BARRIO DE SAN NICOLÁS, IXMIQUILPAN, HGO., UNA MIRADA AL PASADO

Bertha Eugenia García Alarcón

Victoria Gutiérrez Olvera

Esther Botho Clemente

Rafael Darío Chaparro Rangel




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240513>

## **CAPÍTULO 14..... 146**

### VIOLACIÓN DE MUJERES TRANSGÉNERO

Wendoly Villarreal Villarreal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240514>

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>157</b>
<b>PACIENTES PEDIÁTRICOS QUE PRESENTAN TRASTORNOS DEL NEURODESARROLLO IDENTIFICADO A TRAVÉS DEL PROTOCOLO NASA TLX</b>	
Rosario Barrera Gálvez	
José Arias Rico	
Claudia Teresa Solano Pérez	
Rosa María Baltazar Tellez	
Gwendolyne Samperio Pelcastre	
María Teresa Sosa Lozada	
Olga Roció Flores Chávez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240515">https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240515</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>171</b>
<b>FORTEALECIMIENTO DEL SECTOR TURÍSTICO DEL CANTÓN SUCRE, DESDE EL CRITERIO ACADÉMICO Y LA HERRAMIENTA DE GESTIÓN CUADRO DE MANDO INTEGRAL</b>	
Eduardo Antonio Caicedo Coello	
Gema Viviana Carvajal Zambrano	
Frank Ángel Lemoine Quintero	
Ericka Vanessa Almeida Lino	
Luis Daniel Zambrano Molina	
Roberto Carlos Subía Veloz	
Jenifer Doris García Pisco	
Edison Rafael Iriarte Vera	
María Carmen Patiño López	
Lilia Moncerrate Villacis Zambrano	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240516">https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240516</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>183</b>
<b>ENCUENTRO DE CIENCIAS BÁSICAS UNIHORIZONTE COMO PROYECTO INSTITUCIONAL PARA LA ARTICULACIÓN DE SABERES E INTERESES</b>	
Luisa Alejandra García Galindo	
Camilo Andrés Martínez Morales	
David Fernando Guauque Casallas	
Claudia Aracely Blanco Pacheco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240517">https://doi.org/10.22533/at.ed.36722240517</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>195</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>196</b>

## RESPUESTAS AL TRAUMA DE LA CONQUISTA ESPAÑOLA

*Data de aceite: 02/05/2022*

**Juan de Althaus Guarderas**

Universidad Casas Grande  
Guayaquil, Ecuador

**RESUMEN:** La conquista española del continente americano (siglo XVI) tuvo el impacto de un trauma social. Se constituyó en un encuentro/desencuentro de dos culturas bien diferentes que nunca antes se habían conocido. La cultura europea terminó imponiéndose a la cultura de la civilización andino-costeña-oriental, tal como la nombro. Los desencuentros provocaron diferentes respuestas de ambos lados durante la vigencia del sistema colonial monárquico-feudal y del capitalista-republicano occidentales. Paralelamente se mantuvo, hasta donde le ha sido posible a la población étnica, el sistema de reciprocidad, complementariedad y redistribución. Los restos actuales, que incluyen rezagos míticos y rituales, inciden todavía en la cultura hegemónica, a pesar de ser poco comprendidas. Lo central es que se mantienen una serie de agujeros y fallas producto del trauma inicial, alrededor de las cuales hubo diferentes rechazos y consentimientos, algunas sintomáticas. En este trabajo se analizan diferentes fuentes textuales etnohistóricas, antropológicas y psicoanalíticas, de tal manera de contrastar ambas culturas en el momento del contacto, y deducir los impases y efectos principales producidos. De esta manera se busca contribuir a un debate sobre el tema que ayude al conjunto social a manejar de mejor

manera la actualidad del trauma de la conquista.

**PALABRAS CLAVE:** Acontecimiento, civilizaciones, étnico, síntomas.

### RESPONSES TO TRAUMA OF THE SPANISH CONQUEST

**ABSTRACT:** The Spanish conquest of the Americas (sixteenth century) had the impact of a trauma. It was established in a meeting of two very different cultures than ever before been known. Imposing European culture ended overcoming culture eastern coastal Andean civilization, as I name it. Disagreements led to different responses from both sides during the term of the monarchist-feudal colonial system and the Western capitalist-republican. Parallel remained, as far as was possible ethnic population, the system of reciprocity, complementarity and redistribution. Current remains, which include mythical and ritual remnants still affect the hegemonic culture, despite being poorly understood. The point is that a number of holes and flaws product of the initial trauma, around which there were different responses, some remain symptomatic. In this work I analyze different ethno-historical, anthropological and psychoanalytical textual sources, so to contrast both cultures at the time of contact and deduce the impasses and main effects. Thus it seeks to contribute to a debate on the subject to help society as a whole to better manage today the trauma of conquest.

**KEYWORDS:** Event, civilizations, ethnic, symptoms.

## 1 | INTRODUCCIÓN

Las ciencias económicas y sociales introducen categorías de análisis en los países andinos relativos a las desigualdades económicas y sociales, que evidencian abismos considerables. Sin embargo, tales investigaciones son desvinculadas de las improntas culturales, lo cual conduce a agudizar los malentendidos y un insuficiente resultado de las diferentes opciones implementadas por los grupos dirigentes a lo largo de la vida republicana.

## 2 | ANTECEDENTES

Se aborda este estudio desde la perspectiva del acontecimiento traumático. El concepto de trauma fue trabajado por Sigmund Freud y Jacques Lacan en múltiples escritos y seminarios. Proviene etimológicamente de la raíz griega τραῦ-μα/-ματος que alude a “herida” y “agujero”. Freud señala: “Llamamos traumas a las impresiones precozmente vivenciadas y olvidadas más tarde, que, según dijimos, tienen tanta importancia en la etiología de las neurosis” (Freud, 1975, p. 3283). Más adelante, Freud señala que los efectos del trauma son positivos y negativos: Los primeros son elaborados y resueltos de manera distinta, que llama normal. Los segundos, producen reacciones patológicas que conllevan síntomas neuróticos. La fijación al trauma implica un “impulso de repetición”. A su vez, establece dos momentos del trauma: un acontecimiento devastador hace aparecer el trauma original de la “represión primordial” (Freud, 1975, pp. 3284-3285).

El psicoanalista Jacques Lacan va más allá y generaliza el trauma como el encuentro o acontecimiento azaroso del sujeto con el lenguaje que produce un agujero en la superficie del cuerpo topológico, en cuyo borde quedan marcados varios significantes amo aislados y sin sentido, a lo que denomina *lalangue*. Lacan hace un juego de palabras en francés con *trou-matique* (traumatismo o traumático. *Trou* en francés es agujero o hueco), lo que quiere decir que el trauma es estructural para el ser hablante. Lacan enfatiza que la respuesta a ese agujero es un síntoma.

Estoy traumatizado por el malentendido [...] El hombre nace malentendido [...] El cuerpo no hace aparición en lo real más que por el malentendido. Seamos aquí radicales: vuestro cuerpo es el fruto de un linaje del que una buena parte de sus desgracias proviene de que nadaba en el malentendido tanto como podía. [...] Es lo que le transmitieron al “darle la vida”. Es de eso de lo que usted es heredero. Y es lo que explica su malestar [...] No hay otro traumatismo del nacimiento que el de nacer como deseado. Deseado o no -es parecido-, porque es del *parlêtre*” (Lacan, 1980, p.12).

Como consecuencia, el trauma de la conquista de los pueblos prehispánicos implicó un acontecimiento imprevisto que impactó y agujereó las identificaciones culturales construidas durante muchos siglos que constituían un modo de goce propio. Este agujero cultural, añadió un grueso malentendido que remitió a los orígenes diluvianos de los mitos

y su reconstrucción, del lado de la población étnica, y la reinterpretación del catolicismo y el pensamiento renacentista europeos. Se produjeron respuestas que buscaron un arreglo sintomático con el nuevo amo, con el nuevo orden impuesto, el cual hizo lo posible por desaparecer las culturas étnicas, como fue el caso de la Extirpación de las idolatrías. Como resultado, quedó el resto de un goce opaco, inmanejable hasta el presente, que emerge con sorpresas indeseables y angustiantes en los acontecimientos sociales. El arte, la literatura y un estrecho campo de la investigación de las ciencias sociales se han interesado por estos temas en los últimos 70 años, a la par que el psicoanálisis con su clínica.

### **3 | PLANTEAMIENTO DEL PROBLEMA**

En la actualidad, desde el lugar del agente del discurso (entendiendo este término como una estructura y vínculo social) la elaboración de propuestas se centra en la forma de aumentar la productividad económica para la producción de objetos para el mercado mundial. Se promueve un goce desbordado del consumismo, y categorías como la disminución de la pobreza, el desarrollo y el progreso se encuadran dentro de esos parámetros de satisfacción.

Es particularmente contrastante las estadísticas que al respecto se calculan en EEUU y Canadá en relación con las de América Latina, cuyos indicadores son bastante deficitarios, con el agravante que la América hispanohablante ingresó a la historia occidental 100 años antes que la anglosajona y francesa. Así, Latinoamérica es nombrada peyorativamente como “atrasada”, “subdesarrollada”, “en vías de desarrollo”, “patio trasero”, “tercermundista” o “emergente”. Se diagnostican empantanamientos, fracasos, frágiles logros transitorios y una inestabilidad permanente.

### **4 | JUSTIFICACIÓN Y OBJETIVOS**

De estas operaciones del discurso prevaleciente, primero feudal monárquico y luego capitalista republicano, sobre un discurso mítico-ritualista, fue quedando un resto inasible, un agujero, una falla, que aparece en la superficie de manera imprevista, azarosa y disruptiva. Es, sin embargo, a partir de estos restos sintomáticos que se pueden construir interpretaciones y formulaciones alrededor del trauma inicial de la conquista, que pueden tener consecuencias.

### **5 | REVISIÓN DE LA LITERATURA**

Para esta investigación se han considerado una selección de gran cantidad de textos encontrados. Los estudios etnohistóricos y antropológicos, que fueron más allá del determinismo del materialismo histórico marxista de antropólogos como Maurice Godelier (1977), aportaron con una perspectiva novedosa, como es el caso de Claude Levi-Strauss

que puso énfasis en las estructuras simbólicas de los pueblos étnicos de América. Luego, antropólogos y etnohistoriadores como John Murra, como Franklin Pease, Jürgen Golte, Tom Zuidema, entre otros, aportaron con nuevos análisis sobre la civilización Andina-costeña-oriental.

El psicoanalista Jaques Lacan tomó algunos conceptos, modificándolos, de Claude Levi-Strauss. La formalización de su experiencia clínica da muchas luces sobre la manera cómo se construye la subjetividad de acuerdo a una época determinada. Por eso, este trabajo no deja de considerar su contribución fundamental en ese sentido.

## 6 | METODOLOGÍA

Esta investigación se ha realizado desde la orientación del psicoanálisis lacaniano, en conjunción con la etnohistoria y la antropología. Se ha procedido a un análisis de textos, comparativo, interpretativo y con rigurosidad lógica.

Para ordenar mejor el material analizado, se han escogido categorías para comprender las diferencias entre ambos mundos culturales, desconocidos entre sí. Para aproximarse a lo traumático de la conquista se ha establecido al máximo posible estas diferencias.

## 7 | RESULTADOS

### 7.1 Condiciones previas

Las investigaciones paleo-antropológicas al presente han postulado varias teorías de migración de Asia hacia América al final de la última glaciación, apoyándose en restos humanos encontrados, en un rango entre 40,000 y 8,000 años atrás. <sup>1</sup>Lo que muestran todas estas teorías, es que al subir el nivel del mar después de la glaciación, el llamado continente americano quedó aislado de los demás. Esta situación implicó que los pobladores migrantes, a lo largo de miles de años, inventaran sus propias construcciones culturales diferentes a las civilizaciones asiáticas, africanas, del medio oriente y de la occidental. Paralelamente, dentro del mismo continente americano, las diferentes culturas constituidas en el tiempo, desde un punto de vista sincrónico, no dejaron de interactuar entre sí progresivamente.

---

1 Teorías: 1) La teoría de Würm o Wisconsin, de Alex Hrdlicka, sostiene que se produjo hace unos 40,000 años, formándose el llamado Puente de Beringia entre Asia del este y Alaska. Las aguas bajaron como 120 metros lo que permitió un paso por tierra, estableciéndose poblaciones migrantes en esa zona. Con el calentamiento se formó un corredor libre de hielo de aproximadamente 25 km de ancho, que se dirigía al sur por el río Yukón y el Mackensie. 2) La teoría de MendesCorreia plantea el desplazamiento por la Antártica hacia el sur de Chile, desde la Polinesia, hace 8,000 años. 3) Paul Rivet sostuvo que hubo una inmigración de navegantes desde la Polinesia entre 13,000 o 14,000 años a.C. 4) NiedeGuidon propuso que navegantes africanos llegaron a Brasil hace 12,000 años (<http://www.venemia.com/Caribe/CariHist/CariHist2Poblamiento.php>).

## 7.2 Occidente al momento de la conquista

Considerando este aislamiento, los primeros europeos que llegaron a América, como es el caso de Cristóbal Colón, no sabían que habían encontrado un nuevo continente. Su impulso fue buscar otra ruta comercial más corta hacia las Indias (Asia), que la larga ruta de circunvalar el continente africano. Solamente a partir que el adelantado Vasco Núñez de Balboa en 1513 atraviesa el istmo de Panamá y nombra al Océano Pacífico, es que los europeos se percatan que habrían ingresado a un nuevo continente. Los viajes de Magallanes que surcaron la Tierra del Fuego dando la vuelta al mundo por primera vez, confirmaron este descubrimiento para los europeos.

Los conquistadores y sus acompañantes, los sacerdotes católicos y cronistas, comenzaron a interpretar el 'Nuevo Mundo' con el bagaje conceptual que traían de Europa, incluyendo el saber que había obtenido, a lo largo de 5,000 años de historia, de Asia, África y del Medio Oriente (Delidase, 2013).

Hay que añadir que en el siglo XV Europa experimentaba la expansión del humanismo renacentista, inclinándose la balanza al antropocentrismo, lo cual contribuyó a la expulsión de los árabes de la península ibérica, aunque bajo la bandera del Dios cristiano. La conquista de las Indias fue una continuación de este impulso inicial, a pesar de los dogmas eclesiásticos como la concepción que la Tierra era plana.

La España monárquica inició su configuración en el siglo XV. La expansión rápida de sus dominios se realizó sobre una base estatal débil, desorganizada, sin la suficiente estabilidad de una identificación social en los modos de hacer las cosas y en las reglas a cumplirse. Las ordenanzas reales, a veces contrapuestas, cambiaron mucho durante los primeros 100 años de la ocupación española de las Indias Occidentales. Además, la rápida expansión de los dominios de la corona en el distante e inmenso territorio americano, implicó muchas dificultades para controlar a los súbditos coloniales. Las guerras civiles entre pizarristas y almagristas y el descontento de los encomenderos ante las decisiones de la corona española, constatan esta situación (Lockhart, 1982). Paralelamente, el papado justificó y apuntaló, a través de sus bulas, la 'guerra justa' por la evangelización, incluyendo el enriquecimiento indiscriminado en nombre de la expansión del dios cristiano. Todos estos factores propiciaron un caos inicial durante el periodo de la conquista.

## 7.3 La civilización andino-costeña-oriental (CACO) al momento de la conquista

En primer lugar, se propone este nombre para la realidad humana existente en la región andina antes de la llegada de los europeos. A todo lo largo de la historia de esta civilización se había construido un discurso social en base a mitos y rituales. Su estructura binaria, cuaternaria y terciaria tridimensional, se repetía en todas las etnias, a pesar de las variaciones de tiempo, de lugar y de forma.

Lo importante del mito es "(...) lo que da una forma discursiva a algo que no puede ser transmitido en la definición de la verdad (...) La palabra no puede captarse a sí misma



ni captar el movimiento del acceso a la verdad como una verdad objetiva. Sólo puede expresarla del modo mítico” (Lacan, 1985, p. 39). Además, según Levi-Strauss (1987), los mitos se refieren siempre a acontecimientos pasados; tienen una estructura permanente de tiempo de tal manera que el pasado, presente y futuro son simultáneos; los elementos propios del mito son los mitemas que son grandes unidades constitutivas; los mitemas forman haces de relaciones, al modo de una armonía de una partitura musical; el mito como conjunto tridimensional puede ser leído de izquierda a derecha, de arriba-abajo y de adelante hacia atrás o a la inversa; los mitos americanos tienen tres operaciones que son dos elementos opuestos y un tercero como mediador. Esta tríada se repite multiplicándose, con variaciones, como una espiral. En el mito, los dioses intervienen para diferenciar los elementos, en el ritual, que implica acciones, gestos, música y pocas palabras sin sentido, tiene un efecto de conjunción entre dos grupos diferenciados. Esta definición incluye a las guerras rituales. El ritual opera de manera inversa al mito (Levi-Strauss, 1984, p. 240).

Extendiendo estas consideraciones, se postula que, en tanto sociedades agrícolas, consideraban al sujeto como parte de un cuerpo social, y éste, como constituyente del cuerpo de la naturaleza. Establecieron una relación isomorfa entre el mundo natural que los rodeaba y el sistema de parentesco. La posición masculina y femenina constituye un primer par dual equivalente, cada uno derivado de cuerpos celestes sagrados. Hay un Otro de la naturaleza como interlocutor, cuyos elementos son sacralizados y hablan, y siempre están ordenados por pares: arriba y abajo, día y noche, tierra y cielo, estaciones del año y muchas otras (ver Gráfico 1).

Se propone que estos pares tienen como referencia la ubicación espacial de las partes del cuerpo humano que se extiende a la naturaleza y al sistema social (adelante-atrás; arriba-abajo; derecha-izquierda. Los agujeros del cuerpo: las cavernas, etc.). En la CACO el sistema de parentesco extendido se instituye como el único vínculo social posible, y se estructura en base al par equivalente de hombre y mujer, de forma paralela: patrilineal y matrilineal (Zuidema, 1989).

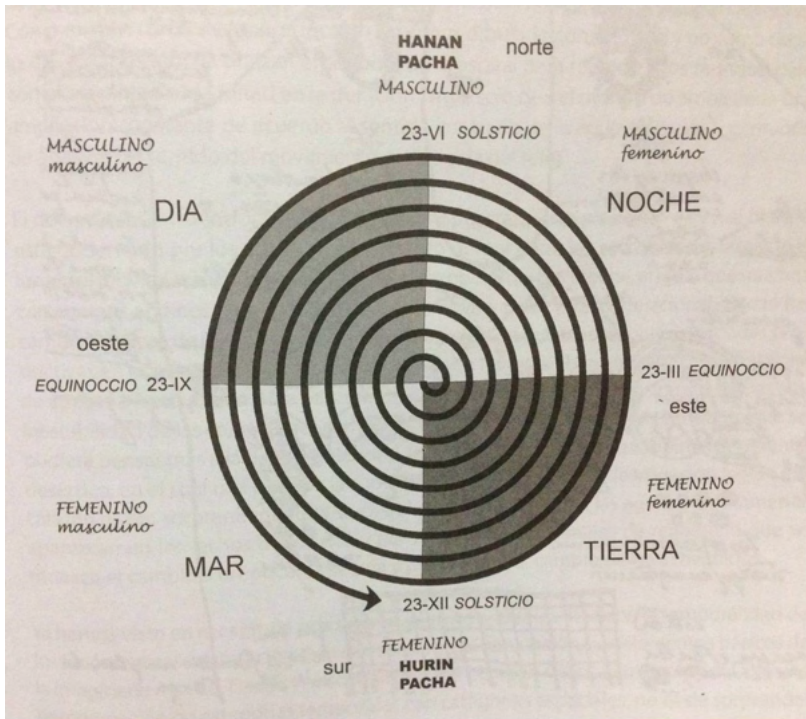


Gráfico1. Un modelo de la interrelación entre categorías sexuales, de espacio y de tiempo para la comprensión de los objetos moche, dentro de un movimiento circular mítico.

Fuente: Golte(2009).

### 7.3.1 Relaciones económico sociales

En el occidente europeo se practicaba el sistema social del feudalismo, donde la nobleza era la propietaria de las tierras. Los siervos de la gleba trabajaban en ellas, estando obligados a entregar parte de su cosecha o ganado al señor feudal. Los gremios de artesanos también eran vasallos y podían obtener algunos privilegios de la casta nobiliaria. El excedente era apropiado por la nobleza y la corona bajo el nombre de tributos. El comercio era una actividad secundaria.

En la GACO se practicaba un sistema complejo y extendido de alianzas de parentesco cuya connotación económica social era el sistema de reciprocidad-complementariedad-redistribución y el control vertical máximo de pisos ecológicos (Murra, 2014). Esto implicaba alianzas de parentesco inter étnicas a largas distancias selladas mediante rituales (Shady, 2006). Podían así compartir la producción y distribución de lo que se producía en cada piso ecológico, mediante la movilización e intercambio de energía humana o fuerza de trabajo. Incluye el sistema 'archipiélago' por el cual en un espacio ecológico varias etnias provenientes de diversos lugares convergían para su control (Murra, 1975). No había propiedad de la tierra, ni individual ni colectiva. Las construcciones de templos, acueductos

y otros se realiza mediante mitas inter-étnicas que se turnan. El intercambio de energía humana y redistribución de objetos rituales se realizaba también por mar a grandes distancias, utilizando balsas (Marcos, 2010).

Se deduce que, si la hueste española de conquista pudo atravesar largas distancias sin resistencia, es porque no tenían que pedir permiso a ningún poblador ni autoridad por cruzar las tierras, ya que nadie las poseía.

### 7.3.2 Sistema de parentesco

En el occidente europeo existía la familia nuclear de estructura patrilineal en todos los estamentos de la sociedad. La transmisión del poder familiar y de la propiedad se realizaba a través de la institución de la primogenitura masculina, salvo excepción. Entre la casta nobiliaria se realizaban alianzas matrimoniales obligadas para ampliar la propiedad territorial feudal. Las mujeres fueron reducidas a un rol doméstico y de reproductoras bajo el dominio masculino.

En la CACO existía una estructura familiar combinada y paralela, patrilineal y matrilineal extendida, tanto desde el campo endogámico como exogámico. Las alianzas inter-étnicas se fundamentaban en alianzas de parentesco voluntarias por ambas partes. En tanto que el principal vínculo social era el de parentesco, si la familia extendida consideraba pertinente, se incorporaban otros individuos como agnados. Las mujeres tenían un papel social diferente a los hombres, sin sufrir el dominio social masculino (Murra, 2014).

Los conquistadores que se casaron con mujeres de las familias de autoridades étnicas implicaron alianzas con esos curacazgos. Cuando la corona instauró los Virreinos, se prohibieron esas alianzas de parentesco mediante el régimen de castas, añadiendo otro abismo cultural.

### 7.3.3 Sistema de gobierno

En el occidente europeo dominaba la casta nobiliaria feudal, incluyendo el rey como máximo señor. En el siglo XV estaba culminándose la instalación de las monarquías absolutas, bajo el gobierno de un individuo único masculino denominado rey que detentaba todos los poderes. La corte del rey la constituían los nobles o señores feudales propietarios de tierras, que se sometían políticamente a los designios de la corona. El sistema de sucesión obligaba al hijo primogénito del rey o del noble a sucederse en el poder, salvo excepción.

En la CACO el régimen de gobierno se daba a través de una democracia ritual que designaba las autoridades étnicas. Lo importante es el cargo, no la persona que lo ejerce. Es un lugar sagrado de intermediación desde donde se reordena el mundo. Por lo menos se designaban dos a la vez, una para la organización interna (*hurin*-abajo) y la otra para establecer las alianzas con otras etnias (*hanan*-arriba). Su poder era relativo, en tanto que

el recambio ritual se realizaba según el movimiento de los cuerpos celestes, de acuerdo a las lógicas agrícolas. Si el sujeto designado no cumplía con su responsabilidad, era removido del cargo y se designaba a otro. Los ancianos y *pakos* (chamanes) jugaban un rol destacado en estos rituales (Pease, 1992).

#### 7.3.4 Sistema militar

En Europa, norte de África, Medio Oriente y Asia desde la antigüedad, se realizaban las guerras de conquista de territorios y pueblos, sea para el saqueo o por el control de nuevos territorios y sus poblaciones para obtener distintas modalidades de tributos. En la Europa del renacimiento, no existían ejércitos permanentes, pero sí había especialistas en la guerra como los llamados “capitanes”, que normalmente conducían una hueste de soldados. Estos eran contratados por los nobles y reyes con un pago mínimo de subsistencia, pero tenían el “privilegio del botín”, es decir, si vencían al enemigo podían apropiarse libremente de los objetos de valor que encontraran y de las mujeres. Al noble y al rey, sólo les interesaba la tierra (Lockhart, 1982).

Como estrategia de guerra generalizada se buscaba capturar lo antes posible al líder o jefe del bando contrario, lo cual es lógico, ya que el sistema político era unipersonal y vertical. Esta mentalidad militar se aplicó exitosamente en Tenochtitlán contra Moctezuma y contra Atahualpa en Cajamarca.

La cuestión militar en la CACO tenía que ver con los ritos de iniciación del pasaje del púber a sujeto plenamente responsable ante la etnia. En segundo lugar, el mantenimiento continuo de un grupo de guerreros tenía que ver con rituales sagrados de suma importancia relacionados con las alianzas interétnicas de parentesco. Las guerras rituales eran programadas previamente entre las partes en determinados momentos del año: cuando se pasaba de una estación agrícola a otra, como es el caso de los solsticios y equinoccios, es decir, en momentos de supuesta ruptura y conflicto en el ordenamiento de los ciclos de la naturaleza. En todos los casos estos enfrentamientos rituales tenían que ver con los mitos de reordenamiento del mundo donde morían y nacían seres sagrados, dentro de la lógica del tiempo mítico (Pease, 1991). En la práctica, significaba también la captura, no la muerte, de guerreros del otro bando para luego proceder a complicadas y largas preparaciones rituales para el sacrificio a los “dioses” de estos “prisioneros” que eran tratados y cuidados como seres sagrados de mucha valía para lograr el propósito de ofrendarlos a divinidades para que reordenen el mundo, o también, ser integrados al sistema de parentesco.

Se propone que, durante la época de la conquista y al comienzo de la colonia, las llamadas ‘rebeliones’ étnicas tenían el sentido de propiciar guerras rituales como parte de las fases de reciprocidad. El hecho que las huestes de conquistadores españolas vencieran sin mucha dificultad a los guerreros étnicos, se debe precisamente a que a estos últimos no les interesaba matar ni vencer para conquistar, sino que era un enfrentamiento ritual para

provocar una alianza de parentesco con los que parecían nuevos visitantes respetables.

La elaboración de diferentes tipos de armas, tanto defensivas como ofensivas, fueron diseñadas según la concepción militar de ambas culturas.

### 7.3.5 *Idiomas y escritura*

Los españoles y los sacerdotes católicos trajeron el español y el latín. Su escritura era alfabética, bidimensional sobre una superficie plana, y era la contraparte escrita del habla. De acuerdo con la época, predominaban los semantemas de universalidad.

En el momento de la conquista se había generalizado el quechua andino, pero se mantenían muchos idiomas étnicos en la región de la CACO. Su particularidad era que los semantemas poseían innumerables inflexiones de oposición que referían a la riqueza de detalles de los mitos cambiantes y de semblantes del mundo natural (Zuidema, 1986). Esto se ha perdido en gran medida. La escritura era tridimensional, con cuerdas y nudos, en textiles, cerámicos y paredes con sobre y bajo relieves, y sobre todo, no era hablada sino actuada. En todos los casos, el elemento cromático era parte de la escritura. (Salomon, 2006). El uso de cuerdas con nudos y tejidos connotaba que se ‘amarraban’ los vínculos con la naturaleza y entre seres humanos, y daban cuenta de la contabilidad así como del registro de mitos y rituales.

### 7.3.6 *Creencias*

En la Europa occidental el monoteísmo, bajo su versión cristiana, ya había triunfado en el siglo V después de Cristo. Los restos de paganismo fueron prácticamente eliminados en el siglo XV, estableciéndose el cristianismo como única religión. Toda otra divinidad debe ser excluida. Un único Dios, con un único representante religioso en la Tierra, el Papa, y su único representante político, el rey estructuraban esta creencia (Pease, 2010).

La CACO era más bien politeísta. Se afirma que es mejor decir “multi-mítico”. Allí donde la narrativa mítica encontraba sus límites discursivos, el ritual no hablado entraba en la escena para anudar las cosas de otro modo. Tanto los mitos como los rituales se fundamentaban en una dualidad básica, no unívoca, que se desdoblaba continuamente. Franklin Pease (1985) explica el sistema mítico:

“Hace muchos años, diversos autores diseñaron distintas formas de “creación” del mundo, por ejemplo, van der Leeuw (1937-1964); la distinción más importante para el caso andino es la que dicho autor precisa entre la creación exnihilo y creación por ordenación. En la primera, la divinidad pre-existe a lo creado, lo cual es fruto exclusivo de su actividad, el caso más conocido y claro es el del primer libro del Génesis bíblico; en la segunda, los hombres y las cosas pre-existen a las divinidades las cuales realizan su ‘creación’ a partir de una realidad caótica que puede suponer la destrucción previa del mundo y sus habitantes. Los dioses de este tipo son ordenadores del mundo en desorden, diseñan un

orden, es decir, un sistema de relaciones que justifica la realidad social. De este último tipo son los dioses andinos” (p.14).

## 8 | DISCUSIÓN

Muchos de los términos que se utilizan en la historiografía oficial y generalizada alrededor del acontecimiento de la conquista velan sus efectos traumáticos: “el descubrimiento de América”, “encuentro entre el viejo y nuevo mundo”, “mundo conocido y mundo desconocido”, entre otros. Son sentencias peyorativas, porque se pueden formular las siguientes preguntas: ¿El descubierto no descubrió nada?, ¿por qué uno es viejo y el otro nuevo, y quién lo determina?, ¿los pobladores del mundo no conocido no eran capaces de conocer? ¿Quién conoce a quién y quién no conoce nada? En este trabajo se asume una distancia crítica ante el antropocentrismo occidental para lograr una mejor aproximación al tema de estudio.

Los integrantes de la civilización americana reciben a los europeos con sus rituales que implican ofrendas de sus objetos sagrados y mujeres para establecer nuevas alianzas de parentesco recíproco, pero aquellos responden con sus imperativos culturales, incluso violentos si lo consideran necesario, para obtener el “botín” de oro, plata, piedras preciosas y mujeres, mientras ocupaban los nuevos territorios conquistados para que su propiedad pase a nombre de la corona de España.

Esto significó una sobreimposición de una civilización sobre la otra, de estructuras muy diferentes. La occidental se estructuraba con un orden de dominio: El uno del Dios y del rey ( $S_1$ ) era el que ordenaba el resto subordinado de la serie lineal ( $S_{2-n}$ ). La CACO, por el otro lado, se fundamentaba en una dualidad en oposición equivalente, donde siempre hay un tercer elemento mediador, para una convivencia necesaria ( $C_1 \leftrightarrow C_{-1}$ ). El resto era la multiplicación de la dualidad de manera múltiple, abierta y no unívoca.

Por eso, es mejor definir la tríada de conceptos de John Murra de reciprocidad, complementariedad y redistribución, como correlación, suplementariedad y co-distribución. Una relación recíproca nunca es completa ni perfecta, pero sí se puede hablar de una correlación como un imperativo cultural. Según Franklin Pease (1992), por lo general, en el mundo prehispánico se daban relaciones disimétricas interétnicas, lo que era compensado simbólicamente, en la co-distribución, mediante rituales con productos “cocidos” (elaborados) de alto valor sagrado. Ahora bien, indicar una redistribución puede conducir a la confusión que los productos se están ‘volviendo’ a distribuir, como una doble distribución, una primera y una segunda, o que es lo mismo decir, uno distribuye y un segundo recibe, y se volvería hacer en la misma dirección o en la contraria. No hay tal, la distribución es un acto único en que las etnias aliadas que han intercambiado energía humana, entre ellas se co-distribuyen, conjuntamente y a la par.

Se propone la categoría de suplementariedad, en reemplazo de la complementariedad,

porque las alianzas para acceder a diferentes pisos ecológicos son voluntarias. La idea de complemento implica una necesidad lógica ineludible como partes de un todo universal. En este caso, no hay completud, el conjunto no se cierra. Siempre está abierta la posibilidad de no aceptarse una alianza, quedando el conjunto siempre abierto a la posibilidad de nuevas alianzas múltiples. La suplementariedad, como un añadido de un otro, le da mucha más flexibilidad al sistema, su posibilidad de expansión y el reconocimiento de las diferencias inter étnicas.

Por estas razones la posición étnica estuvo siempre abierta ante la irrupción de los conquistadores, que a pesar su dominio, se mantuvo durante la colonia hasta lo que queda como resto de la CACO en la actualidad. Por supuesto, del lado de los ocupantes occidentales no hubo correlación, suplementariedad ni co-distribución con la población étnica, sino una imposición vertical absolutista, donde además se dividió la sociedad en castas sin movilidad social.

Dentro de esta lógica de correlación que buscaba una reciprocidad suficiente, por la cual se intercambiaba, junto a la energía humana, símbolos sagrados y momias de antepasados de mucho valor mitológico, como una especie de garantía del pacto ritual, es que se consintió a lo largo del tiempo la incorporación del dios único y universal cristiano y la aceptación de la autoridad política única de la corona, y posteriormente de las autoridades republicanas democráticas.

La inquisición y la extirpación de idolatrías en el siglo XVI, como parte de una evangelización forzada, junto a la imposición del estado moderno monárquico con los virreinos, las reducciones y los corregimientos, forzaron a los curacazgos étnicos a disfrazar sus creencias, y a reacomodar su sistemas de parentesco y vínculo social. Se pasó a una posición algo defensiva y silenciosa ante la sociedad oficial. En ese proceso se experimentó una considerable pérdida de riqueza cultural, lo que quedó en el olvido, dejando un agujero imposible de cerrar. Pero, por otro lado, se produjo una simplificación, una reducción a niveles más cerca de la estructura que sobrevive hasta el día de hoy.

Muchos intentos por comprender de manera acrítica la CACO del lado occidental generaron una masa de malentendidos, preconceptos, arquetipos y prejuicios, que ahondaron una división y exclusión culturales.

La cuestión toma otra dimensión si se considera que, por la debilidad constitutiva de la monarquía española, la implementación de la legislación de la corona en las Indias Occidentales era constantemente eludida por las propias autoridades coloniales, lo cual daba a entender que el nuevo orden era caótico, ni siquiera sus protagonistas cumplían con sus propias normas traídas de afuera, cuando en la CACO las normas, construidas en siglos de convivencia, sí se cumplían en forma rígida. Eso deja otro agujero en el medio que hasta el día de hoy es real y tiene consecuencias en los vínculos sociales, cuyos testimonios son aquellas frases repetidas como fantasmas colectivos de “la ley se acata, pero no se cumple”, o la referencia a “la viveza criolla”. Los europeos españoles impusieron

otra cultura debilitada desde el comienzo ante una cultura que operaba suficientemente bien construida durante siglos.

## 9 | CONCLUSIONES

Para concluir, se configura el trauma de la conquista mediante algunas fórmulas. Se toma en cuenta los “cuadrópodos” de Jaques Lacan explicitados en su Seminario XVII El reverso del psicoanálisis (1972), por lo cual el denominado ‘discurso del amo’ se escribe así:

$$\frac{S_1 \longrightarrow S_2}{\$ // a}$$

Gráfico 2. Fórmula del discurso del amo

Como se muestra en el gráfico 2, arriba a la izquierda es el significante amo, que actúa de agente, que en el caso que nos ocupa se trataría de la corona española, su corte nobiliaria y la jerarquía católica. Arriba a la derecha son todos los otros significantes que hacen serie, en el lugar de la producción o trabajo, y que compete al vasallaje. Abajo a la derecha es el lugar del producto, que en este caso se refiere a los productos agrícolas obtenidos del feudalismo, la obtención del botín, y el comercio monopólico. Abajo a la izquierda se encuentra el lugar de la verdad, donde el sujeto particular queda como soporte oculto del amo-rey y la subjetividad queda separado del objeto de goce, el cual resulta extraño e inaccesible a la verdad. Se realiza para este trabajo unas transformaciones de esta fórmula básica:



## Resumen

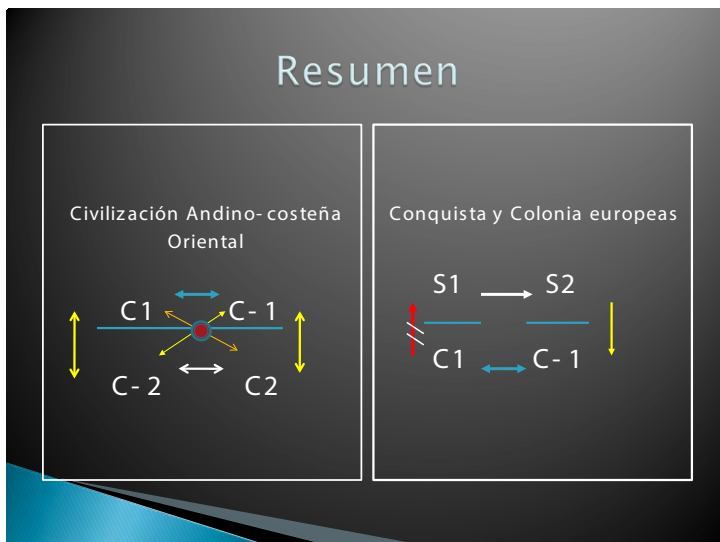


Gráfico 3. Fórmulas del discurso de la CACO y de la colonización europea

Fuente: Juan de Althaus

En la segunda fórmula correspondiente a la CACO (ver Gráfico3) no se consideran los lugares del agente, la producción, el producto y la verdad mítico-ritual. Se afirma que estas cuatro categorías se encuentran a la vez en los cuatro lugares, teniendo en cuenta que se analiza desde el saber occidental el saber mítico-ritual, de lo cual hay que estar advertido. Se escoge el signo 'C' para diferenciar del 'S' (significante) porque indica el cargo, que cumple una determinada función que se opone a otra función (siempre dentro del sistema de parentesco, como vínculo social fundamental), en términos de correlación suplementaria, o al decir de John Murra, como recíprocos y complementarios. La relación básica es dual o binaria, la relación subordinada o secundaria es cuaternaria, y la última relación de intermediación introduce una tríada tridimensional, mostrada con el punto rojo en el medio, dando cuenta el agujero alrededor del cual se inventan estas relaciones. Esta formulación indica una circularidad de sus elementos y un cruce entre ellos.

El punto rojo medio expresado de manera bidimensional en el plano, corresponde al tubo que conecta los tres mundos (de arriba, del medio y de abajo), que pueden concebirse en general, de acuerdo a los registros de Lacan, lo simbólico, lo imaginario y lo real. Ese lugar de intermediación se realiza atravesando cada plano y en la vinculación entre los planos, dando un efecto tridimensional. Esta ubicación central de intermediación corresponde a determinados seres sagrados y a las autoridades étnicas, como responsables de reordenar el mundo y sus partes. La arquitectura de las pirámides y la tridimensionalidad de los cerámicos pintados confirman esta elaboración (Gráfico4).

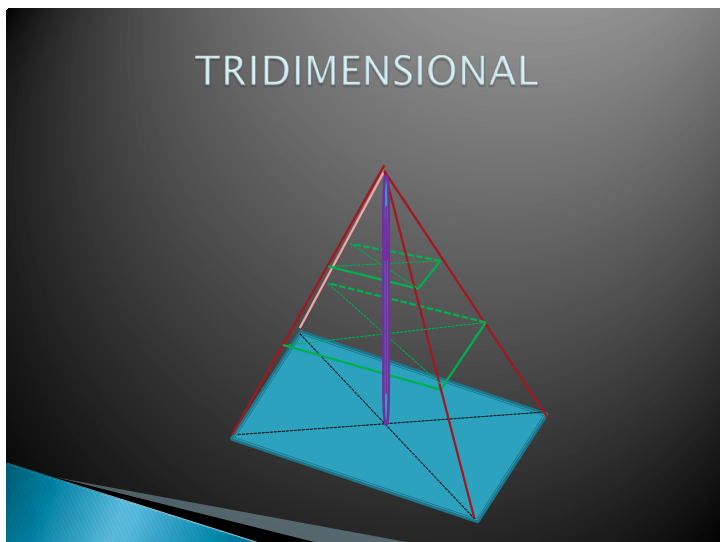


Gráfico 4. Sistema de discurso tridimensional de la CACO

Fuente: Juan de Althaus

La producción de objetos está subordinada a este sistema. Si bien se produce un excedente, lo que importa es la ampliación del sistema de parentesco. Los objetos, aún así sean para consumir como alimento, son sagrados y están sometidos a rituales en cada fase de su producción, distribución y utilización de acuerdo a este esquema. Por eso, dentro de las comunas y comunidades sobrevivientes actuales, la locura del consumismo no se instala hasta el día de hoy, y todas las reivindicaciones indígenas se centran en la defensa y reconocimiento de su cultura por el estado nacional dentro de un territorio. De allí conceptos que han introducido como multiculturalidad y estado multinacional.

En la tercera fórmula (ver Gráfico3) se establece una síntesis de cómo interactuaron ambos esquemas. El binario  $S_1 \leftrightarrow S_2$  se sobrepone a  $C_1 \leftrightarrow C_{-1}$ , a manera de imposición. El vector rojo tachado es el constante intento de este binario de buscar una relación suplementaria con el binario de arriba, el cual responde con muy poca reciprocidad y suplementariedad. Sin duda, aquí se ha producido otro efecto traumático de desorden. En el mejor de los casos, cuando se logra algún acuerdo en un asunto parcial, la tendencia es que el binario superior no lo cumpla en algún momento.

La parte de la segunda fórmula que reza:  $C_{-2} \leftrightarrow C_2$  queda obturada, excluida y olvidada por acción del nuevo orden. Sólo interesa el vínculo con las autoridades étnicas para garantizar la tributación, (el rey y los nobles sólo se vinculaban con los señores feudales o las cabezas de las comunas españolas). El régimen de castas institucionaliza el hecho. Esto no significa la desaparición en la práctica de la segunda fórmula, sino que adquiere modalidades diferentes que se esconde a la vista de la autoridad colonial, o es utilizada la legislación colonial para mantener el modo social de las poblaciones étnicas. Muy entrada

la república, lo que interesa es forzar a la integración al mercado y la sustitución de la propiedad comunal por la privada (Álvarez, 2002). En este período el efecto disociador de la vida étnica tuvo mayor impacto que tres siglos de coloniaje español.

Dentro de las respuestas étnicas al trauma fue la reelaboración de mitos como el de Inkarrí: La sangre de Inkarrí está viva en el fondo de nuestra Madre Tierra. Se afirma que llegará el día en que su cabeza, su sangre, su cuerpo habrán de juntarse. Ese día amanecerá en el anochecer, los reptiles volarán. Se secará la laguna de Parinacochas, entonces el hermoso y gran pueblo que nuestro Inkarrí no pudo concluir será de nuevo visible (Pease. 1985, p. 93). Es decir, se producirá un reordenamiento del mundo. El hecho es que, de alguna manera, este mito de estructura circular ha constituido una orientación para la población étnica a cada momento, desde la conquista. Ellos supieron comprender el nuevo orden paso a paso, y lo utilizaron hasta donde pudieron, para mantener su reciprocidad y valores culturales. Es el caso del uso de la dote española, el acogerse al régimen legal español de la constitución de “comunidades de indios”, el continuo uso de “probanzas” (juicios) para hacer valer sus intereses contra los españoles, incluyendo sus demandas que sean reconocidos como corregidores las autoridades étnicas (curacas), y muchos otros casos que están por estudiarse.

El acontecimiento más reciente que indica el funcionamiento, modernizado, del mito de Inkarrí, es el despliegue de una serie de levantamientos indígenas en América a raíz de los 500 años de la invasión europea (1492-1992), que implicó la reorganización del movimiento indígena y su impacto en los cambios constitucionales de varios países latinoamericanos donde se reconoce la pluriculturalidad y la plurinacionalidad, así como varios derechos también reconocidos en la ONU.

Sin embargo, mucho de la riqueza cultural se han perdido en estos 500 años. Los rituales se confundieron, en apariencia, con las creencias y ritos de la religión católica; sin embargo, a lo largo del tiempo la subjetividad mítica, diversa y particular, va cediendo ante la subjetividad monoteísta y universalista. Las antiguas divinidades son sustituidas en cada espacio social por vírgenes, cristos y santos diversos.

De la misma manera, la correlación (reciprocidad), suplementariedad (complementariedad) y co-distribución (redistribución) a largas distancias se reduce, restringe y limita, sobre todo durante el período capitalista-republicano.

La llamada sociedad criolla o mestiza que comenzó a formarse luego de la conquista, por un lado, no se identificaba con la CACO y por otro lado tampoco gozaban del reconocimiento y privilegios de los peninsulares, constituyéndose como un producto social algo diferente, semi-excluido. Se inventaron maneras para balancearse entre ambos mundos. Sin embargo, esto significó también respuestas con identificaciones sintomáticas que se pueden resumir, como ya se ha mencionado, en dichos provenientes desde la colonia como: ‘La ley se acata, pero no se cumple’, que derivó en lo que coloquialmente se denomina la ‘viveza criolla’, erigido como parte ineludible del vínculo social.

Esta descalificación del Otro social considerado como fuente de engaño, que urde trampas, constituye una permanente amenaza que atraviesa los límites de convivencia que el sujeto puede establecer, instaurando la ley de la desconfianza en las relaciones sociales, que llega la “reciprocidad” de ‘Como presumo que el otro me hará trampa, yo le hago trampa’. Aquí hay un goce desbordado con límites blandos que en las últimas décadas ha convergido con la mundialización de fenómenos de relativización y pluralidad cultural definidos como ‘modernidad líquida’ (Bauman, 2004), ‘hipermodernidad’ (Lipovetsky, 2000), el fin de la modernidad (Vattimo, 1987), la dilución de las grandes narrativas en la posmodernidad (Lyotard, 1991) y ‘el Otro que no existe’ (Miller, 2005).

Estas formas culturales son abordadas en la clínica psicoanalítica con la lógica del ‘uno por uno’, pero también las ciencias sociales aportan con sus investigaciones sobre estos temas poniendo sobre el tapete en el debate público aquello que quedó olvidado, pero que siempre surge como desarreglo social de forma inesperada, ya que no se quiere saber qué hacer con eso. Lo más conveniente es reconocer que hay estos traumas sociales y buscar sintomatizarlos en términos generales, de tal manera que genere debates serios en sociedad para vehiculizar maneras de manejarse con estos agujeros, aprovechando al máximo la contribución de los principios de la revolución francesa: la democracia, las libertades y el estado de derecho democrático.

## REFERENCIAS

- Álvarez, Silvia G. (2002). *Etnicidades en la costa ecuatoriana*. Quito: Ediciones Abya-Yala.
- Bauman, Zygmunt (2004). *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Degregori, Carlos Iván (1986). *Del mito de Inkarrí al mito del progreso*. Lima: Instituto CONSTRUCTOR
- Delidase, Ricardo (2013) La antigua China. La Seres griega y la Sina latina. Más allá de Pangea. Recuperado de <http://masalladepangea.blogspot.com/2013/04/la-antigua-china-la-seres-griega-y-la.html>.
- Freud, Sigmund (1975). *Obras completas* (Tomo IX). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva..
- Godelier, Maurice (1977). *Perspectives in Marxist Anthropology*. New York: Cambridge University.
- Golte, Jürgen (2009). *Moche, cosmología y sociedad. Una interpretación iconográfica*. Lima: IEP y CBC.
- Marcos, Jorge G. (2005). *Los pueblos navegantes del Ecuador prehispánico*. Quito: Ediciones Abya-Yala.
- Marcos, Jorge G (2010). *Arqueología y Etnohistoria del Señorío de Cancebí en Manabí Central*. Manta: Editorial Mar Abierto.

- Miller, Jacques-Alain (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Murra, John (1983). *La organización económica del Estado Inca* (3ra edición). Lima: Siglo XXI, Instituto de Estudios Peruanos.
- Murra, John (1975). *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*. Lima: IEP.
- Murra, John (2014). *El mundo andino. Población, medio ambiente y economía*. Lima: IEP y PUCP-Fondo editorial.
- Lacan, Jacques (1980). *Le malentendu*. En: *Ornicar?* Boletín periódico del Campo Freudiano, N° 22-23. París:Lyse.
- Lacan, Jacques (1985). *El mito individual del neurótico*. En *Intervenciones y Textos*. Buenos Aires: Manatíal.
- Lacan, Jacques (1992). *Seminario 17. El reverso del Psicoanálisis*. Editorial Paidós. Barcelona
- Levi-Strauss, Claude (1987). *Antropología estructural*. Barcelona: Paidós Estudio.
- Levi-Strauss, Claude (1984). *Palabra dada*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe S.A.
- Lipovetsky, Gilles (2000). *La era del vacío*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Lockhart, James (1982). *El mundo hispano peruano 1532-1560*. México: Fondo de Cultura Económica de México.
- Liotard, Jean-François (1991) *La condición postmoderna. Informe sobre el saber*. Buenos Aires: Editorial REI.
- Pease, Franklin (1992). *Curacas, reciprocidad y riqueza*. Lima: PUCP-Fondo editorial.
- Pease, Franklin (1991). *Los últimos incas del Cuzco*. Madrid: Alianza Editorial S.A.
- Pease, Franklin (2010). *Las crónicas y los Andes*. Lima: Fondo de Cultura Económica del Perú.
- Pease, Franklin (2010). *Los mitos en la región andina*. Quito: Ediciones IADAP.
- Shady Solís, Ruth (2006). *Caral-Supe. La civilización más antigua de América*. Lima: INC.
- Salomon, Frank (2006). *Los Quipocamayos*. Lima: IFEA ye IEP.
- Vattimo, Gianni (1987). *El fin de la modernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa S.A.
- Zuidema, Tom R. (1989). *Reyes y guerreros*. Ensayos de cultura andina. Lima: FOMCIENCIAS.

## ÍNDICE REMISSIVO

1984 82, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 103, 104

2012 1, 7, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 45, 46, 57, 95, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 119, 144, 159, 175, 177, 182

### A

Ambiente escolar 31, 32, 33, 35, 38, 39, 40, 41, 45

Asentamientos informales 106, 107, 108, 109, 112, 113, 116, 118, 119

### B

Bordado 137, 138, 145

### C

Calculadoras 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Ciencias 1, 9, 12, 14, 15, 23, 28, 47, 50, 56, 65, 69, 71, 78, 79, 93, 95, 140, 144, 157, 159, 169, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Ciencias humanas 47

Colombia 9, 22, 47, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 107, 144, 153, 156, 183, 186

Competencias 5, 47, 48, 54, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 64

Computación inteligente 1

Conquista española 77

Contextos actuales 1

Costos industriales 58, 61

Cuenca 106, 107, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

### D

Docente 22, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 43, 48, 49, 51, 52, 54, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 183, 187, 192

### E

Emuladores 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76

Emuladores para calculadoras 69, 70, 76

Enfoque de competencias 58, 64

Epistemología 9, 13, 15, 16, 22, 23, 25, 28

Escritura 17, 47, 49, 50, 54, 55, 86

Escritura de artículos 47, 49, 50, 54

Estado de Colombia 95, 96

Estructura urbana 106, 107, 108, 109, 112, 113, 115, 117, 118, 119

## **F**

FARC 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Física 17, 29, 31, 35, 36, 39, 40, 45, 65, 66, 67, 68, 72, 74, 75, 117, 124, 146, 149, 150, 153, 154, 162, 164, 167, 169, 178, 183, 188, 189, 190, 191

Formación del contador 58

## **G**

Gestión 5, 6, 47, 60, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Guerra 81, 85, 97, 98, 101, 102, 103, 105

## **H**

HGO 133, 134, 135, 142

Historia 9, 10, 13, 14, 15, 22, 50, 79, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 123, 125, 130, 131, 137, 141, 143, 145, 151, 152, 190

História 23, 45, 195

Historia de paz 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

## **M**

Matemática 16, 22, 47, 65, 66, 67, 186

Matemática y la física 65

Milchichig 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

## **N**

Nasa TLX 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Neurodesarrollo 157, 158, 160, 169

## **P**

Pacientes pediátricos 157, 158, 160, 163, 166, 169

Paradigma 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25

Paz 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 125

Pedagógico 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 40, 41, 43, 48, 53, 186, 192

PIA 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 183, 185

Política 12, 20, 32, 49, 88, 102, 103, 104, 119, 149, 155, 194

Protocolo Nasa TLX 157, 166

Proyectos integrados 47, 49, 53, 56, 57, 183, 185

Proyectos integrados de aula 47, 49, 53, 56, 57, 183, 185

Puebla 58, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

## **S**

Saber pedagógico 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

Sector turístico 171, 172, 180, 181

Sector turístico del Cantón Sucre 171

Simulaciones con geogebra 65

Sucre 171, 172, 180, 181

## **T**

TEA 31, 32, 33, 36, 44

Técnica de rajueleado 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131

Tehuiloacán 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

Transgénero 146, 147, 152, 153, 154, 155

Trastorno do Espectro Autista (TEA) 31

Trastornos del neurodesarrollo 157, 169

Trauma 77, 78, 79, 89, 92

## **V**

Violación 146, 149, 150, 151, 152, 154, 155

Violación de mujeres transgénero 146



# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

3



# CIENCIAS HUMANAS:

## POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

3

